

A dessacralização da notícia compartilhada nas redes sociais: um estudo dos posts da página Caneta Desmanipuladora¹

Maria Cristina Guimarães Rosa do Amaral

Mestranda do Programa de Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense

Resumo

O presente artigo faz parte de uma pesquisa em andamento sobre o compartilhamento dos posts da página do Facebook Caneta Desmanipuladora, seu lugar como ativismo online na vigilância e crítica à imprensa e seu impacto sobre o jovem, considerando a forma como ele encara e consome a informação jornalística hoje. Ao investigar o surgimento de um espaço cotidiano para a “desmanipulação” de manchetes de jornais impressos e online, com todas as características inerentes a uma produção na *web*, e o consumo desta produção pelos jovens, é preciso, a priori, problematizar a própria ideia da manipulação na construção das notícias. Sem exaurir a questão, o artigo pretende se debruçar sobre o assunto traçando caminhos à luz de algumas teorias do jornalismo.

Palavras-Chave: jornalismo, ativismo online, caneta desmanipuladora, cotidiano

Introdução

Na tarde do dia 5 de novembro de 2015, o muro da Barragem de Fundão veio abaixo no subdistrito de Bento Rodrigues, município de Mariana, Minas Gerais. A água do reservatório varreu a região deixando 19 mortos, milhares de desabrigados e um mar de lama nunca visto, que se lançou sobre a bacia do Rio Doce até chegar ao litoral do Espírito Santo. Após um ano, os 40 milhões de m³ que vazaram não tinham sido removidos e continuavam espalhados por mais de 115 km na região; rastros do maior desastre sócioambiental na história do país. A Barragem era propriedade da Samarco, que por sua vez pertence a uma joint-venture entre as mineradoras Vale do Rio Doce e a anglo-australiana BHP. O Ministério Público acionou as empresas, pedindo reparação de danos para a região.²

No dia 15 de novembro de 2016, uma matéria da Folha online estampava a manchete: “Tragédia de Mariana já custou 655 milhões para a mineradora Samarco”. Em pouco tempo, um *print* da manchete circulava pelas redes sociais com a palavra “já” riscada de vermelho, e

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XVII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² El País (18/11/2016)

substituída por “só”, com um acréscimo no final da frase: “até agora”.

Não se pode dizer exatamente que a diferença semântica na frase, quando se troca um *já* por um *só*, seja sutil. Menos sutil ainda é o uso do lápis vermelho, desfigurando esteticamente o texto original (os riscos são veementes, brutos), e a reescritura do enunciado. É nesse sentido, de não considerar a notícia veiculada pela grande mídia como “pura verdade” e seu texto como “imexível” que usamos, no título deste trabalho, o termo “dessacralização”.

A Caneta Desmanipuladora³ foi criada em maio de 2016, pela artista plástica Ana Karenina Rieehl e o jornalista Rafael Caliari. Um dia, cansada de discutir em casa com a família sobre política, Ana resolveu pegar o jornal que chegava pela manhã e alterar a manchete, deixando a versão "editada" para a família ler. Ela enviou uma foto para o amigo e postou no seu perfil pessoal no Facebook com a legenda "Resolvi usar a caneta desmanipuladora". A repercussão foi enorme. “No mesmo dia a página foi criada. A estética foi debatida rapidamente, a linha editorial acertada e o resto foi acontecendo”⁴. Estava no ar uma página que se propõe a expor, nas redes sociais, notícias da mídia impressa ou *online* que teriam sido manipuladas para atenuar ou mascarar uma situação e reescrever, de forma supostamente isenta, as manchetes e textos, quase todos de caráter político. Nas informações sobre a página, apenas uma frase: “Traduzindo o midiês”.

A aceitação imediata da página - só nos primeiros três meses foram quase 180 mil curtidas e milhares de compartilhamentos - criou desdobramentos: primeiro, um grupo de debates sobre análise de narrativa e observatório de mídia chamado "Caneta Desmanipuladora – O Rascunho", que conta hoje com mais de 6 mil participantes. Em uma reação quase que imediata, surgiu também, na web, a página Caneta Desesquerdizadora. Hoje, uma rápida busca na internet pode revelar a existência de outras páginas similares, como a Caneta Revisora, e a Caneta Desmanipuladora de Assis e Região.

A Caneta Desmanipuladora não é um fenômeno isolado no tempo e espaço. É importante levar em consideração o momento em que a página surgiu. O início do processo de *impeachment* da então presidente Dilma Roussef trouxe uma enorme polarização política nas redes sociais. Ao mesmo tempo, assistia-se a um posicionamento editorial cada vez mais explícito por parte dos órgãos tradicionais de comunicação. É importante frisar também que o

3 <https://www.facebook.com/search/top/?q=caneta%20desmanipuladora>

4 Entrevista concedida por e-mail à autora em 19/08/2016

acompanhamento crítico do trabalho da imprensa existe há muito tempo, tanto no âmbito acadêmico - seja em artigos publicados ou na sala de aula - quanto nos próprios meios de comunicação, como por exemplo o site online e o programa veiculado desde 1998 pela TV Cultura, em São Paulo e pela TV Brasil, no Rio de Janeiro, o Observatório da Imprensa. A diferença é que a tecnologia digital e a rapidez da Internet permitem que essa crítica seja divulgada, de forma contundente, por qualquer pessoa, e com um alcance considerável. A página – que só se detém nas manchetes do que eles classificam como “grande imprensa” - exercita, através da vigilância das notícias veiculadas em jornais e revistas, o ativismo político que se tornou marca nas redes sociais. Até por isso tem uma frequência de postagem instável, variando de acordo com o calor do quadro político no país.

As teorias

Uma das facetas na discussão sobre manipulação não é a escolha das palavras, para forçar um ponto de vista, mas a escolha dos assuntos, para se definir uma agenda. A grande imprensa pauta a realidade, nos diz o que é notícia, o que vale a pena ser conhecido e discutido. O resto não existe. Nas teorias de jornalismo, esse fenômeno é conhecido como a hipótese do *agenda-setting*. O outro lado da moeda do *agenda-setting*, que só reforça seus efeitos, é a chamada espiral do silêncio. O conceito, desenvolvido pela alemã Elisabeth Noelle Neumann, parte do princípio que as pessoas, para não se isolarem, acabam se identificando – ou pelo menos partilhando – as opiniões dominantes. Pontos de vista ou assuntos de interesses minoritários, que causariam estranhamento ou repúdio em seu grupo social imediato, são seguidamente silenciados, por um desejo de não-confronto, gerando um efeito de espiral. Pela exposição ou pelo silêncio, existe então uma hierarquização temática. Os temas em relevo na agenda midiática estarão também em relevo na agenda pública, e os temas sem grande relevância nos meios de comunicação terão a mesma correspondência entre o público.(FERREIRA, 2005)

Não é verdadeira, no entanto, a ideia de que a escolha dos assuntos dependa só e unicamente da orientação política do editor ou do dono do jornal. O jornalismo, como atividade econômica, se equilibra eternamente entre o *interesse público* e o *interesse do público*. Em seu artigo “Gramsci e as mutações do visível”, Dênis de Moraes afirma que,

para o intelectual italiano,

A função dos jornais transcende a esfera ideológica e embute as determinações econômico-financeiras das empresas jornalísticas, que as impelem a atrair o maior número possível de leitores para assegurar-lhes rentabilidade e influência. Ele enfatiza que a imprensa burguesa se move em direção ao que possa agradar o gosto popular (e não ao gosto culto ou refinado), com o propósito de atrair “uma clientela continuada e permanente. (MORAES, 2010, p.92)

A repetida e deliberada – consensual ou não – omissão de diversidade de assuntos e pontos de vista na grande imprensa ameaça os próprios conceitos de liberdade de imprensa e liberdade de expressão. Especialmente em um cenário como o nosso, de grande concentração da mídia nas mãos de poucos grupos proprietários, quase todos familiares. Calcula-se hoje que sete grupos controlem 80% de tudo que é visto, ouvido ou lido nos media brasileiros⁵. As liberdades – de imprensa e expressão – como foram concebidas, à luz do iluminismo já no século XVIII, pressupõem uma diversidade de conteúdo e pluralidade de fontes, além da possibilidade de acesso para todos. A uniformidade do pensamento – ou, na concepção do francês Alex de Toqueville, a tirania da maioria - se constitui como uma verdadeira ameaça à individualidade. (LIMA, 2012)

É nesse sentido que muitos autores festejam a internet como uma mídia efetivamente democratizante, capaz de da visibilidade – por seu alcance e facilidade de produção e circulação de conteúdo - a várias correntes de pensamento e divulgação de acontecimentos que, de outra forma, seriam ignorados pela grande imprensa e, conseqüentemente pela maioria das pessoas. Mas essa é uma outra discussão.

A visão de que os jornalistas – e a mídia, como um todo - servem objetivamente a interesses políticos determinados tomou corpo como teoria principalmente a partir do final da década de 60, e foi denominada a *teoria da ação política*. É importante assinalar que, embora a *teoria de ação política* seja mais comumente associada à esquerda, ela pode igualmente se aplicar à direita. Chomsky não é o único a acreditar no caráter instrumentalista da mídia. Kristol(1975) e Efron(1971), como mais uma vez nos aponta Traquinas (2005), classificam os *media* norte-americanos como uma nova classe de burocratas e intelectuais que se utilizam da

5 É notada a falta de informações sistematizadas e confiáveis sobre a concentração dos meios de comunicação no Brasil. Um trabalho do sociólogo e mestre em comunicação Bruno Marinoni, nesse sentido, pode ser acessado em: <http://intervozes.org.br/publicacoes/concentracao-dos-meios-de-comunicacao-de-massa-e-o-desafio-da-democratizacao-da-midia-no-brasil/>

profissão para difundir suas crenças anti-capitalistas. No meio do caminho, o historiador Robert Darnton, em um artigo em que lembra sua passagem pelo *The New York Times*, analisando a dinâmica do poder nas práticas jornalísticas, diz que:

é comum escutar que os jornalistas tendem a ser liberais ou democratas, e como eleitores podem realmente ser de esquerda. Mas como repórteres geralmente me pareciam hostis a ideologias, desconfiando das abstrações, céticos quanto aos princípios, sensíveis ao conceito e ao complexo, e, portanto, capazes de entender, se não de aceitar, o status quo. (DARNTON,1990, p.48)

A *teoria da ação política* toma corpo cerca de vinte anos após a primeira teoria específica do jornalismo, no âmbito acadêmico, ser formulada pelo jornalista e professor da Boston University, David Manning White. Tomando emprestado o termo *gatekeeper*, usado em estudos mercadológicos para analisar as decisões, na esfera doméstica, sobre a compra de alimentos, White aponta para a existência de diversos portões (*gates*), e os seus respectivos responsáveis (*gatekeepers*) pelos quais a informação tem que passar desde o seu acontecimento até ser materializada nas páginas dos jornais como notícia. Para ele os critérios para aceitar uma informação e “empurrá-la adiante” ou simplesmente “matar” a notícia naquele estágio são subjetivos, e “tem por base o conjunto de experiências, atitudes e expectativas do gatekeeper” (WHITE, *apud* TRAQUINAS 2005, p.150)

Subjetividade está longe de ser manipulação. Ainda assim, a noção inseriu um elemento perturbador na até então indisputada crença de que os jornalistas refletiam a realidade como um espelho (teoria do espelho), e que a eles cabia apenas recolher a informação e relatar os fatos objetivamente. A aceitação do fato de que qualquer conhecimento – e posterior relato - é mediado por subjetividades, não exime o jornalista de tentar ser o mais objetivo possível. Então, se a notícia não é um relato totalmente isento de um fato ocorrido, que fatores contribuem para que o resultado final seja aquele que aparece nas folhas dos jornais?

As teorias desenvolvidas a partir de 1950 procuraram incluir, nessa questão, vários aspectos do cotidiano do jornalista, conscientes ou inconscientes ao próprio profissional. Warren Breed publica, em 1955 um estudo em que propõe a *teoria organizacional*, e desloca o foco do indivíduo para o ambiente de trabalho; da cultura profissional para a cultura organizacional. Entram em cena fatores como sanções e elogios, a obtenção de notícias como

valor máximo da atividade de jornalista e principalmente o convívio do jornalista iniciante com os colegas, onde a socialização – mais do que qualquer imaginado livro de regras – faz com que ele interiorize a política editorial do veículo, conformando-se a ela. Todos esses fatores acabam dando uma “cara” à notícia, que poderia ter outra “cara”, em contexto diferente.

Se hoje em dia a teoria do espelho já é combatida por quase todos os estudos de jornalismo, questões da subjetividade, constrangimentos profissionais, censura e auto-censura e subserviência da imprensa ao poder hegemônico são temas recorrentes e que adquirem novas paletas de cores ao longo dos anos. Dênis de Moraes descreve os meios de comunicação como elaboradores e divulgadores de equivalentes simbólicos de uma formação social já constituída, possuidora de significado autônomo; um discurso que tenta “proteger de contradições aquilo que está dado e aparece como representação do real, como verdade”. (MORAES,2009, p.45)

Durante a década de 70 os estudos de jornalismo floresceram. Novamente, houve um deslocamento de foco, mais sutil dessa vez. As novas teorias, chamadas *construcionistas*, reconhecem as questões debatidas anteriormente (o poder do jornalista em escolher as informações que iriam se transformar em notícia, a subjetividade da escolha, os constrangimentos profissionais e o papel da imprensa como instrumento ideológico) , mas tentam explicitar a natureza da notícia como uma *construção social*, e delinear as dinâmicas de poder envolvidas na forma como ela é elaborada. Rejeitando tanto a perspectiva do espelho quanto a da distorção da realidade, as teorias construcionistas afirmam que

os “*media* noticiosos estruturam inevitavelmente a sua representação dos acontecimentos, devido a diversos fatores, incluindo os aspectos organizativos do trabalho jornalístico(Altheide, 1976), as limitações orçamentais (Epstein, 1973), a própria maneira como a rede noticiosa é colocada para responder à imprevisibilidade dos acontecimentos (Tuchman, 1978). (TRAQUINAS 2005, p.169)

O britânico Stuart Hall é um dos representantes de uma corrente construcionista chamada de *estruturalista*. Os estruturalistas retomam a ideia de que a mídia é um instrumento de reprodução da ideologia dominante. Mas, ao contrário de Herman e Chomsky, acreditam em uma “autonomia relativa” dos jornalistas. A teoria ressalta três aspectos importantes na construção da notícia: a organização burocrática dos veículos e empresas de

mídia; a ideologia profissional, construída ao redor de um elemento fundamental – o valor-notícia; e o próprio momento da construção, que envolve um processo de identificação e contextualização. Nessa perspectiva culturalista – Hall é um dos teóricos dos estudos culturais britânicos - a construção é consensual entre o jornalista e o público, na medida em que

Esse processo de tornar um acontecimento inteligível é um processo social – constituído por um número de práticas jornalísticas específicas, que compreendem (frequentemente de modo implícito) suposições cruciais sobre o que é a sociedade e como ela funciona. (HALL et al 1973 *apud* TRAQUINAS, 2005, p.177)

Para explicar o que Traquinas chama de sintonia entre as ideias dominantes e as ideologias e práticas dos media, Hall et al criam o conceito de definidores primários (*primary definers*). Estes seriam os “porta-vozes”, as fontes que definem o que é e o que não é notícia ao fornecer aos jornalistas os assuntos e pontos de vista. Segundo os autores, essas fontes tendem a ser sempre institucionais, e funcionam como um bloco estruturado. Rejeitando uma “teoria da conspiração”, Hall et al atribuem a subordinação estruturada da mídia aos *primary definers* como uma consequência de pressões práticas do ofício de jornalista: a busca pela objetividade, a falta de tempo, o número limitado de fontes com as quais o jornalista pode desenvolver uma relação de confiabilidade, etc. Ao jornalista, caberá usar as brechas possíveis, como o jornalismo investigativo e outras iniciativas para fugir ao papel de meros reprodutores das definições dos que têm acesso privilegiado a informações, as “fontes acreditadas”.

A pesquisa

A pesquisa tem como objetivo principal estudar a página Caneta Desmanipuladora e seu lugar, dentro do universo de posts compartilhados nas redes sociais, como ativismo online na vigilância e crítica à imprensa. Isso envolve aspectos como a produção de subjetividades, a suposta objetividade da imprensa, a atuação do público na produção e circulação de informações jornalísticas online e a maneira como os jovens se relacionam com a informação jornalística hoje, temas que serão abordados ao longo do trabalho. Por fim, a pesquisa busca pistas para entender o público futuro do jornalista. Como a notícia será lida, encarada e percebida em um futuro próximo.

A metodologia utilizada engloba o acompanhamento sistemático da página, entrevistas

com os fundadores e administradores, análise de conteúdo de um corpus de posts selecionados e um mapeamento, com o uso de questionários, dos participantes da página *Caneta Desmanipuladora: o rascunho*. Paralelamente, como estudo exploratório para a continuidade da pesquisa, pretendemos fazer uma atuação pontual junto a jovens que compartilham os posts no sentido de estudar os efeitos da prática da Caneta Desmanipuladora na maneira como eles se relacionam com a informação jornalística: é possível identificar o interesse jornalístico no fato noticiado além do ativismo? Receber esse *post* motivou a busca de mais informações sobre o assunto? Em que fontes? E, ainda, verificar a percepção crítica em relação aos próprios *posts* estudados: as alterações apresentadas pela Caneta são aceitas sem discussão, ou há uma análise crítica em cima das supostas correções do texto?

Até o dia 25 de maio de 2017, a página Caneta Desmanipuladora tinha 248.389 curtidas, 248.152 seguidores, praticamente equilibrados no aspecto de gênero: 51% mulheres e 49% homens. A maior parte se encontrava na faixa de 25 a 34 anos. Em seguida vinham as faixas de 18 a 24 anos e 35 a 44. As outras faixas de idade tinham um número inexpressivo de seguidores. Naturalmente, a maioria esmagadora se encontrava no Brasil. Mas não deixa de ser curioso pensar que a página tinha seguidores em países como China (58), Emirados Árabes (35), Índia (24) e Tailândia (14). Neste artigo vamos nos limitar a comentar alguns aspectos levantados em um estudo dos primeiros 14 posts da Caneta Desmanipuladora, relativos aos dois primeiros dias de existência da página, dias 23 e 24 de maio de 2016, segunda e terça-feiras, respectivamente; o que nós chamamos de “primeiro impacto”.

Os primeiros posts mostram um foco absoluto na questão política. A escolha de palavras como “golpe”, e “golpismo”, acrescentadas a 36% das manchetes “manipuladas” para definir o impeachment da ex presidente Dilma, deixa claro o posicionamento político dos administradores da página. Dos 14 posts estudados, três deles eram de imagens com o logo da página ou reforçando a ideia de desmanipulação. Dos 11 restantes, 9 eram relativos à política ou comportamento de políticos. Os outros dois tratavam de questões econômicas / políticas, como, por exemplo, o primeiro post. Na primeira página da edição impressa de O Globo, do dia 22 de maio de 2016, a manchete trazia a frase: “Temer vai propor flexibilizar jornada de trabalho e salários”. Na versão “desmanipulada”, o verbo “flexibilizar” foi riscado e substituído por “aumentar,” enquanto “diminuir” foi acrescentado antes da palavra “salários”.

No subtítulo: “Reforma trabalhista daria mais força às negociações coletivas” , “reforma” virou retrocesso e “negociações coletivas” foi substituído por “empresas”. No alto da página, a chamada para o Segundo Caderno mostrava a apresentadora Marília Gabriela enquanto o texto afirmava que ela teria recusado um cargo no governo pela falta de prestígio das mulheres no governo Temer. A palavra “prestígio” foi então riscada e substituída por “representatividade”.



Essa primeira postagem recebeu 432 curtidas, 19 comentários e foi compartilhada 239 vezes. Os números são bem próximos da média geral, considerando os primeiros dois dias de postagens: 499 curtidas, 14,6 comentários e 167,7 compartilhamentos. Isso se retirarmos da conta um post específico, veiculado na terça-feira, que saiu completamente da curva, apresentando números muito além da média: 8,8 mil curtidas, 236 comentários e 19.349 compartilhamentos. Tirando esse post atípico, exibido abaixo, os números variavam entre: 59/979(curtidas); 4/35(comentários) e 0/393(compartilhamentos). Os administradores da página não souberam explicar um desvio tão grande em um dos posts.



A mídia noticiosa escolhida nessa primeira amostra se dividia da seguinte maneira: O Globo (impresso ou online), 7 posts; Uol; 2 posts; Jornal do Brasil, 1 post. Note-se que, nesses

primeiros posts, está incluído um de um outdoor, apesar da página afirmar que atua apenas na ”grande mídia”. Dos 14 posts analisados, metade trazia algum tipo de texto na página, sendo que os dois primeiros exibiam hashtags políticas (#canetadesmanipuladora; #foratemer; #ocupaminc; #artepelademocracia; #stopcoupinbrazil), prática logo abandonada. Na data analisada (25/6/2017) a página estava avaliada pelos internautas com 4,4 de 5 estrelas, sendo que as 474 avaliações estavam compostas da seguinte forma: cinco estrelas, 392; quatro estrelas, 10; três estrelas, 2; duas estrelas, 5 e uma estrela, 6.

Discutindo manipulações

Voltemos à manchete da Samarco. Para os administradores da página, essa é uma típica manchete que precisava de desmanipulação. Fazendo uma análise superficial, podemos começar pelo fato de que, para o leitor médio, R\$655 milhões é uma quantidade de dinheiro que vai muito além do que costuma figurar no seu cotidiano. A tendência, se apresentada isoladamente, sem contextualização ou comparação, é que essa soma seja considerada muito elevada, dentro de qualquer frase. Ao se acrescentar o advérbio *já*, à ideia de quantidade soma-se a noção de celeridade, ou de cumprimento de dever. Para a Caneta Desmanipuladora, dar a entender que a mineradora *já* gastou *muito*, é um desserviço à população além de uma gritante tomada de posição por parte do jornalista – ou do órgão de imprensa - ao lado dos responsáveis pelo desastre ambiental.

Mas as pretensões da Caneta Desmanipuladora não se limitam à análise textual. A atuação da caneta, visível e clara, é importante na produção do sentido. Não só torna extremamente evidente a crítica como - mais significativo - com uma ação concreta, enfatiza a prática da interferência. O *já* vira *só*, e, ao quantitativo, uma locução adverbial é acrescentada ao final da frase, carregada de significação: *até agora*.

O termo usado para nomear a página não poderia ser mais claro. Desmanipular: ação de desfazer um ato de “levar alguém a agir ou pensar do modo que nos convém” (AULETTE, 2004). Uma ação intencional para desfazer outra - de manipulação - que, na visão de parte dos teóricos que estudam o jornalismo, seria intrínseca à mídia, mas não se resume à escolha de palavras para a manchete de uma ou outra notícia. Moretzsohn aponta a fronteira da ambiguidade onde trilha o jornalismo: a prestação de um serviço público a cargo de empresas

privadas. E alerta para o fato de que a ideia de autonomia, ou independência, da imprensa, seria sempre uma independência em relação ao Estado – daí a ideia, antiga e desde sempre questionável, de um vigilante “quarto poder”, enquanto que “a dependência em relação ao poder econômico seja vista como parte da ordem natural das coisas” (MORETZSOHN, 2013, p.118).

Segundo o linguista e filósofo norte-americano Noam Chomsky, as notícias são “propaganda” que sustentam o capitalismo e reforçam o ponto de vista do *establishment*, uma vez que a imprensa depende do poder político e financeiro dos anunciantes e dos donos dos grandes meios de comunicação (estes, em tempos de convergência midiática, mostram-se cada vez mais concentrados em monopólios em todo o mundo), que mantém estreita ligação com as elites dirigentes. A noção de propaganda está embutida inclusive em uma teoria, exposta por Herman e Chomsky: a “*propaganda framework*” que, como explica Traquinas, analisa a cobertura de “grandes estórias” que podem ajudar a mobilizar a opinião pública numa direção específica (TRAQUINAS, 2005). Para Chomsky, o conteúdo de uma notícia não é determinado por seu valor jornalístico, seja para o jornalista ou para a organização jornalística, mas o é a um nível externo, macroeconômico.

No Brasil, o jornalista Perseu Abramo foi um dos mais veementes ao denunciar a manipulação da grande mídia alinhada aos interesses hegemônicos da elite. Ao comentar o livro “Padrões de manipulação na grande imprensa”, editado pela Fundação Perseu Abramo em 2003 com posfácio de Aloysio Biondi, o jornalista José Arbex Jr. publicou no site Observatório da Imprensa um texto em que propõe:

Em síntese, se a "grande mídia" forma, hoje, uma espécie de Ministério da Verdade orwelliano, encarregado de manipular as informações sobre a realidade, produzir amnésia e criar consensos, nós podemos, em contrapartida, confeccionar uma Grande Enciclopédia das Manipulações, adotando os métodos e as recomendações feitas por Perseu Abramo e por Aloysio Biondi. (ARBEX, 2003)

Criada em um momento político de grande polarização, a página Caneta Desmanipuladora naturalmente suscitou grandes embates políticos a partir dos posts e dos comentários. O claro posicionamento da Caneta contrário ao impeachment, a crítica ao neoliberalismo e seu alinhamento à esquerda, levou os detratores da página a classificá-la automaticamente como “petista”, apesar de não haver, nas “desmanipulações” um caráter

marcadamente partidário. Para efeito da pesquisa, os comentários aos posts foram divididos em 4 categorias: a) elogios à página, à ideia de desmanipulação ou marcação de algum amigo para conhecer a página (278); b) crítica à página ou à ideia de desmanipulação (24); c) comentários sobre a notícia sob uma ótica similar à adotada pela Caneta Desmanipuladora (79) e d) comentários sobre a notícia sob uma ótica similar à do veículo (23). Percentualmente, correspondem a, aproximadamente: a) 68,8%; b) 5,9%; c) 19,5% e d) 5,6%.

A análise das discussões mostra que grande parte é composta de acusações mútuas a respeito das posições políticas dos internautas. Alguns comentários, no entanto, geraram discussões interessantes sobre a validade da tentativa de desmanipular notícias. Como exemplo, transcrevemos aqui alguns desses comentários, que mais ou menos resumem a totalidade das discussões nesse sentido.

23/06/201

#Internauta 1: Perdeu seu tempo V., é mais um blog a serviço do pt.

#Internauta 2 (V.): Vou seguir se não houver desmanipulação seletiva!! Todos os partidos! TODOS!

#Internauta 3: Vai ser complicado ser abrangente e plural quando a manipulação da imprensa costuma ser incrivelmente seletiva e estreita...

Se existe manipulação da mídia, entende-se que esta ocupa e favorece um lado ... Então, esperar que existe uma correção de ambos os lados não será possível, pois seria necessária criar uma mídia nova.

O que se pretende fazer é um "contra-peso", ou seja, você é inundada de informações diariamente pelas mídias tradicionais e muitos leitores não percebem como as informações são "suavizadas" ou "carregadas" pelos jornais.

Fica claro aqui, que o objetivo é "manipular" a "manipulação", mostrando que a mesma notícia pode ser apresentada de múltiplas formas, fazendo notícias negativas virarem boas e vice-versa, o que abre um precedente incrível de manipulação ...

#Internauta 1: V. , desencana é seletivo. Olhei todas as notícias e não tem uma sequer questionando o PT e nem o veículo de comunicação do PT, a carta capital.

#Internauta 4: O nome está errado... Deveria ser Caneta Manipuladora

24/06/16

#Internauta 5: Ahamm, to vendo as notícias que ves desmascaram. Manchete manipuladora existe dos dois lados. Se vai aplicar a caneta só em um dos lados tenha dignidade e deixe explícito na descrição da sua página Mesmo assim, achei a ideia fantástica!

Esse é um dos poucos momentos em que a possibilidade de uma completa imparcialidade na produção de uma manchete é questionada. Até então os internautas se alternavam entre a aprovar ou reprovavar a desmanipulação – neste caso, quase sempre, classificando a página como “esquerdopata”. As vozes mais “equilibradas” pediam que o

processo fosse feito em várias mídias, pró e anti-petistas (a Caneta Desmanipuladora se propõe a atuar apenas no que eles chamam de “grande imprensa”, sem contudo definir exatamente a que veículos se referem), para que se provasse a “isenção” da página, como mostra também esse comentário publicado em 28 de novembro de 2016 na seção de “avaliação”:

#Internauta 6: A abordagem é muito boa, porém é extremamente parcial, só analisa e "corrige" um lado. Como se outros veículos da mídia não fizessem o mesmo, ainda que possam não possuir o mesmo poder de penetração no público..."corrigir" a asquerosa da Veja é até fácil, mas não exige, a quem se propõe realizar este tipo de trabalho, de se "corrigir" a Carta Capital ou Brasil247, por exemplo. As práticas, infelizmente, são idênticas, apenas mudam-se os lados e os interesses.

Considerações finais

Enfim: as notícias que lemos (vemos e ouvimos) nos jornais, são relatos objetivos de fatos? Ou construções subjetivas dos profissionais envolvidos? Ou, ainda, textos intencionalmente engendrados para nos fazer acreditar em um ou outro ponto de vista, dependendo dos interesses imediatos do dono do jornal? Até que ponto podemos falar em manipulação (e ativar, portanto, uma “caneta desmanipuladora”)?

A desconfiança e a crítica à maneira como a imprensa estrutura a realidade acompanha a imprensa desde que ela se estabelece como espaço público de discussão. Em seu texto “Monografia da imprensa parisiense”, Honoré de Balzac (1799-1850) elenca uma série de tipos circulantes na imprensa da época, e um a um derrama veneno e genialidade na descrição de suas práticas e na maneira com que a imprensa na impõe “verdades” e influencia governos.

Mas voltemos ao nosso século. A prática jornalística vem sofrendo mudanças profundas nas últimas décadas em todo o mundo. As sucessivas crises mundiais e locais da economia impuseram um enxugamento e uma concentração dos meios de comunicação ao redor do globo, também facilitado e, de certa forma moldado, pela chamada convergência das mídias e, de modo geral, pelo desenvolvimento tecnológico que impôs à sociedade uma nova arquitetura da comunicação. As maneiras de fazer estão mudando, rapidamente. Mas – e até talvez por isso mesmo - as questões levantadas neste artigo continuam mais presentes do que nunca. Estudar as teorias do jornalismo nos ajuda a entender o cotidiano dessa construção, e

encontrar caminhos. Como diria Certeau, astúcias, práticas e táticas de consumo – “as artes de fazer” - para uma reapropriação do espaço organizado e uma politização do cotidiano. Por isso iniciativas como a da Caneta Desmanipuladora são importantes. E não só para o público em geral. Em seu artigo “Estudos de recepção para a crítica da comunicação”, a professora Roseli Fígaro relata um desânimo generalizado entre os estudantes de comunicação que, ao entrarem na Universidade, criticam ferrenhamente, a partir do senso comum, o poder (exercido) de manipulação dos meios de comunicação. Feita a crítica vem a prostração, com a conclusão de que nada mais lhes resta fazer, diante das circunstâncias, do que “assimilar os tais procedimentos técnicos de produção com as mesmas características criticadas, abandonando completamente a perspectiva crítica e passando a incorporar a postura hegemônica”. Para Fígaro, pensar a comunicação a partir da recepção é o caminho para resgatar a crítica e abandonar posturas maniqueístas, entendendo a comunicação como um processo de interação social.

Por fim, terminamos com uma citação ainda do artigo de Arbex Jr sobre Perseu Abramo no Observatório da Imprensa:

Muitos acreditam que a prática da manipulação deliberada aplica-se, no máximo, aos grandes fatos internacionais (por exemplo, a Guerra do Golfo), quando estão em jogo os interesses de Estado associados aos das megacorporações, e que muitas vezes uma notícia mal dada ou um fato simplesmente ignorado é muito mais resultado de desinformação do jornalista do que da vontade dos donos das empresas de comunicação. Claro que a ignorância e a estupidez cumprem a sua parte, ninguém nega isso. Mas é igualmente claro que a determinação de manipular a notícia também existe. (ARBEX, 2003)

Referências Bibliográficas

ARBEX JR, José. O legado ético de Perseu Abramo e de Aloysio Biondi. <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/al190220031.htm> acessado em 11/06/2017

AULETE, Caldas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004

BALZAC, Honoré de. Os jornalistas. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999

CERTEAU, Michael de. A invenção do Cotidiano. Petrópolis: Editora Vozes, 1998

DARNTON, Robert. O beijo de Lamourette. Sao Paulo: Companhia das Letras, 1990

EL PAIS. Samarco, Vale e 22 pessoas serão julgadas por desastre em Mariana. At http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/18/politica/1479487785_086184.html acessado em 12/06/2017

FERREIRA, Giovandro Marcus. "Uma leitura dos estudos dos efeitos: da era das certezas às incertezas e mistérios da recepção." *CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*. Vol. 28. 2005.

FIGARO, Roseli. Estudos de recepção para a crítica da comunicação. *Comunicação & Educação*, São Paulo, [17] :37 a 42, jan/abr. 2000

KUNCZIC, Michael. *Conceitos de Jornalismo Norte e Sul*. São Paulo: Edusp, 2002

LIMA, Venício A de. *Liberdade de Expressão X Liberdade de Imprensa*. São Paulo: Publisher Brasil, 2012

MORAES, Dênis de. Gramsci e as mutações do visível, *in* *Mutações do Visível: da comunicação de massa à comunicação em rede*. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2010

_____. *A batalha da mídia. Governos progressistas e políticas de comunicação na América Latina e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2009

MORETZSOHN, SYLVIA. *Pensando contra os fatos. Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico*. Rio de Janeiro: Revan, 2013

SOLOSKI, John. O jornalismo e o profissionalismo: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico. *In* TRAQUINAS, Nelson. (Org) *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Vega, 1999

TRAQUINAS, Nelson. *Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são*. Florianópolis : Insular, 2005

_____. (Org) *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Vega, 1999

WHITE, David Manning. O gatekeeper: uma análise de caso na seleção de notícias. *In* TRAQUINAS, Nelson. (Org) *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Vega, 1999